

A COMPANHIA TAUBATÉ INDUSTRIAL DE FÉLIX GUIARD E A CIDADE DE TAUBATÉ

Fernando Antonio Ebum de Siqueira França

1. Introdução

O objetivo do trabalho é o estudo da Companhia Taubaté Industrial e de seu empresário Felix Guisard, que integram a fase da primeira industrialização no Brasil. Empresa e empresário situados na indústria de São Paulo

A Companhia Taubaté Industrial, por inexplicáveis razões, conta com pouquíssimos estudos, não tendo tido ainda realçada sua importância no processo de industrialização paulista. Aliás, parece ser essa omissão extensível ao Vale do Paraíba Paulista, pois não achamos referências – e menos ainda estudos – sobre as indústrias de tecido Hoffman Ahlgremim & Cia, ou a Jean Bryant ou ainda sobre a fábrica Filhuita de João Feraz, todas em Jacareí.

Por que o cenário é Taubaté, o estudo se encaixa na abordagem do regionalismo, arrastando questionamentos sobre o processo de integração e vinculação ao sistema produtivo nacional, refletindo a presença de partes da economia nacional localizada em parcelas específicas do território.¹

Propõe-se a questão de se esclarecer até que ponto “as determinações econômicas definem uma cidade e/ou uma região, sabendo-se do empobrecimento que isto significa quando se pretende tratar de uma realidade muito mais completa, pelos seus componentes históricos, culturais, políticos e ideológicos”.²

Colocando-se em destaque alguns campos da Economia procura-se analisar seus tópicos numa realidade histórica que foi a vida da CTI na cidade de Taubaté nos últimos anos do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Numa perspectiva da História Econômica merecem especial atenção o desenvolvimento econômico, a economia de empresas, economia regional e urbana, recursos naturais, meio ambiente e trabalho. Como a época do estudo vai da fundação da CTI em 1881 até a morte de Felix Guisard, em 1942, a História impôs as balizas cronológicas que saem da ligação empresário-empresa, na

1 Cf. *Rolim*, C.F.C.: Espaço e região: retorno aos conceitos originais. In *Anais do X Encontro Regional de Economia*. Águas de S. Pedro, Anpec, 1982 vol. 2 pp. 579-602 e *Carleial*, L.M.: Acumulação capitalista, emprego e crise: um estudo de caso. São Paulo, Fipe/Usf, 1986.

2 *Carleial* Liana Maria da Frota: A questão regional no Brasil contemporâneo. In *Lavina*, Lena et alii (org.): Reestruturação do espaço urbano e regional no Brasil. São Paulo, Hucitec, 1993 p. 57.,

medida em que a fábrica entrou em declínio após a morte de seu criador, até a total extinção na década de 80. A História ainda exige considerações sobre a vida da empresa e as mudanças da vida urbana nesse período, na medida em que tempo e mudança são as bases da vida histórica que ficam a exigir explicações.

O trabalho requer atenção para o tempo, o processo da industrialização no Brasil e em São Paulo e a evolução urbana de Taubaté. Felix Guisard é digno de estudo por que foi “um empresário com responsabilidades sociais e deveres com a comunidade”. Estudá-lo deve permitir traçar o perfil do industrial que nascia nessa primeira fase da industrialização.

Quanto ao tempo que interessou à pesquisa convém dividi-lo em:

1. 1891: criação da CTI. Representa o ingresso de Taubaté em outro universo, para o qual ainda arrasta toda uma problemática ligada à civilização do café e à vida rural.

2. 1900: O país se modernizava com a industrialização que nascia. Os negros libertos transformavam-se de “bons escravos em maus cidadãos”. O café sofria crises progressivas e mostrava os primeiros sintomas da decadência.

3. 1930: Passagem do plano da dominação agrícola para a industrial. No plano nacional o Estado definia outras bases. Em Taubaté quebravam-se as oligarquias, os fazendeiros perdiam posições e definia-se uma vida urbana.

4. 1930-1942: Mecanismos de Estado penetravam na realidade urbana, determinando novas formas de poder. A CTI ajustava-se à legislação trabalhista.

Os momentos citados são significativos por que refletem o quadro nacional e regional em mudança. Dele não ficou de fora a cidade de Taubaté.

Guisard morreu aos 29 de março de 1942, quando suas fábricas viviam o apogeu de sua produção, com boa aceitação de seus produtos, principalmente no mercado nacional, produzindo o conhecido morim Ave Maria, cretones e lençóis Canário, produtos populares mas de boa qualidade, vendidos em grande quantidade, movimentando elevadas somas em dinheiro o que conferia à CTI uma posição de destaque na Indústria Têxtil da América Latina.

Com o aumento da concorrência e a alteração de sua administração após a morte de seu criador, a CTI entrou em declínio. Foi vendida duas vezes, em 1953 e em 1970, até sua total extinção em outubro de 1983.

Entre 1891 e 1930 definiu-se no Brasil o processo da industrialização, tendo ficado superadas as possíveis rivalidades com a produção agrícola e a sua importância primordial para a economia do país. Tinham-se estabelecido condições favoráveis para uma maior

receptividade ao industrialismo com a crise do café na década de oitenta do século XIX, o influxo de imigrantes e os problemas de urbanização, e superado a xenofobia dos últimos anos do Império, bem como o ambiente de instabilidade econômica. Superado, portanto, o clima de resistência de que foram expressões a crise de 1891, o Plano de Salvação Nacional do Barão de Lucena, as concessões para a indústria do governo de Floriano. Vigorava a idéia da reconciliação da indústria com os interesses nacionais. Renovava-se o pensamento econômico, tingindo-se de nacionalista como o atesta o Manifesto da Associação Industrial de Antônio Felício dos Santos, como o define Serzedelo Correa em sua defesa da produção nacional. Posição idêntica à de Alberto Torres. A instalação da República viera acompanhada de uma determinação de criar oportunidades a todo custo, debaixo de farta retórica de modernização e progresso.

Nesse contexto Felix Guisard veio para o Brasil e instalou a CTI em Taubaté.

Até que ponto a empresa taubateana encarnou a idéia moderna de que devia ser útil ao meio em que se achava estabelecida “sendo o ganho antes de um fim, uma função decorrente, contrariando a validade da Teoria Ortodoxa da empresa?

Qual o impacto da indústria numa sociedade como a de Taubaté, ainda desdobramento da paisagem agrária das grandes fazendas de café? Até que ponto uma determinada economia define uma região?

Felix Guisard pode ser incluído na elite modernizante da República Velha? A seleção generacional de empresários de sucesso é índice das transformações da sociedade econômica? Qual o papel de São Paulo nesse processo?

Respostas a essas questões podem elucidar os fenômenos da industrialização e dinâmica urbanas.

2. O empresário Felix Guisard.

Felix Guisard, mineiro de Teófilo Otoni, nasceu em 22 de Janeiro de 1862 e morreu aos 29 de março de 1942 em Taubaté. Filho de Felix Louis Guisard e de sua mulher Amelie Guisard, franceses de Cheny, departamento de Yonne.³

Felix Guisard primeiro esteve no Seminário em Diamantina, dele saindo para acompanhar a família até a fazenda de Pau Grande, junto aos contrafortes da Serra da Estrela, onde passou a trabalhar na Fábrica de Tecidos Pau Grande. Nessa fábrica fez o

3 Foram seus irmãos João Batista, Marie Nazareth, Teófilo, Eugenio e Emilio. Casou-se com Jeanne Rosand aos 27-9-1888 e teve sete filhos: Felix Guisard Filho, Alberto, Violeta, Olga, Raul, Otávio e Hilda, todos

aprendizado das espulas aos teares, incluindo técnicas de fiação e tecelagem, ocupando cargos de destaque. Em 1888 decidida a ampliação da Fábrica foi à Europa comprar máquinas para as seções de meias e camisas de meia. Com a experiência adquirida decidiu instalar indústria própria em Petrópolis, mas alterou seus planos depois do encontro com um antigo colega de Seminário, Dr. Rodrigo Nazareth de Souza Reis, decidindo-se, então, instalar sua indústria em Taubaté. Foi diretor gerente de sua Companhia por 33 anos (1901-1924). Em 24 tornou-se prefeito de Taubaté até 1930 quando voltou à Companhia e nela ficou até morrer.

Complementam seus traços biográficos alguns traços de sua personalidade.

Sombart, no seu clássico estudo sobre o burguês⁴ do alvorecer dos tempos modernos, afirma que há várias categorias de capitalistas, cada uma com um espírito diferente dos outros. Nota que há um espírito do Capitalismo nascente e avançado, embora todos apresentem traços comuns como o ideal da empresa, a grandeza, a rapidez de movimentos, a novidade, o sentimento do poder. Na estrutura psíquica do empresário moderno ocupa o primeiro plano a maneira pela qual deve conquistar, organizar, negociar, bem como o peso relativo de cada ação na atividade total. As virtudes burguesas hierarquizavam a ética pessoal e os princípios subjetivos da conduta econômica, colocando a primeira em local de destaque. O estereótipo burguês é composto de temperança, silêncio, ordem, decisão, moderação, zelo, equidade, lealdade, domínio de si próprio, propriedade, equilíbrio moral, castidade, humildade e moral nos negócios.

Não obstante Felix Guisard tenha sido um homem cronologicamente situado entre os séculos XIX e XX, quando o Capitalismo mundial já acentuava alguns traços de seus sustentadores e suprimia outros, apresenta ele muitas das características fixadas por Sombart. Características, aliás, também perceptíveis em seus contemporâneos, como ele, artífices da indústria no Brasil, a sugerir o espírito do Capitalismo nascente que não queimou etapas apesar de sua tardia instalação no país.

Guisard associa valores da Ilustração na valorização da felicidade e da natureza e valores do Cristianismo tradicional. O apreço à temperança, o equilíbrio moral, associaram-se à moderação, traço das preocupações econômicas. O espírito de cálculo – instrumento indispensável à condução dos negócios – tornou-se um hábito e se apossara de seu cotidiano, não impedindo atitudes filantrópicas como doações e obras de

nascidos em Taubaté onde os pais se radicaram em 1891. Cf. Genealogia feita por Felix Guisard Filho. Ms in Pasta III dos Documentos de Felix guisard. Arquivo Histórico de Taubaté.

4 *Sombart*, Werner: *Lê bourgeois*.

benemerência social. Testemunhos de seus ex-operários falam de sua caridade e bondade com os trabalhadores, da doação de enxovais e festas de casamento, da atenção dada aos doentes, dos remédios que distribuía, principalmente em casos de doenças coletivas como a Gripe Espanhola.

O equilíbrio moral impedia-o de se deixar influenciar por infelicidades inevitáveis como a que ocorreu em 1898 quando um incêndio destruiu a tecelagem e o acabamento de malhas de sua fábrica recém-construída.⁵ A ideologia do êxito próprio do “self made man” a que Guisard representa tão bem na nossa industrialização, torna-o particularmente sensível ao sucesso e faminto do reconhecimento alheio.

Consciente de sua morte iminente, declarou-se feliz e consta ter pedido que seu corpo visitasse as fábricas e os escritórios da CTI e que não se interrompesses as atividades pela sua morte, nem por um momento sequer. O que foi feito.⁶

As expressões comportamentais do homem nada mais são do que as sínteses entre a individualidade e as oportunidades que surgem, concatenadas ou não ao longo do tempo vital.. Guisard, filho de um engenheiro francês de quem herdou “o vigor mental e a extraordinária capacidade de trabalho” mostrou, de início inclinação para a vida intelectual. Aluno do Seminário de Diamantina, onde estudou Humanidades, foi marcado pela sua formação que lhe imprimiu a crença no progresso, na filantropia, na civilização e no trabalho, como caminho de realização pessoal e coletiva. Viajou, leu, abriu seu espírito às novidades. Preocupou-se com a utilidade das coisas, com a modernização.

Guisard imigrou para Taubaté. Imigrar revela uma situação crucial: significa abandonar alguma coisa em favor de outra Por que?

Certamente não por expulsão econômica, na medida em que sua situação era extremamente confortável na Cia. América Fabril quer em termos de confiança, quer em termos de salário e de posição na estrutura do trabalho. Alguma coisa mudava no tempo: “a dominação em moldes tradicionais paternalistas, começava a perder seu caráter patrimonial para garantir ao capital e à força do trabalho seu sentido mercantil e capitalista. Implantando a relação de interesses”.⁷ Não sem deixar vestígios da situação anterior.

5 Argüido pelo Bispo sobre seu inevitável desânimo teria respondido: que não desanimava, que pretendia reconstruir a parte incendiada o que seria difícil, por que já estava pagando as prestações de um empréstimo de 160:000\$000 que fora concedido à CTI em bônus. E foi em busca do auxílio do Dr. Bernardino de Campos, então Ministro da Fazenda. *Guisadr*, Oswaldo Barbosa: “Felix Guisard, um homem de sua época”.In *Voz do Vale do Paraíba*, 30.09.1980. Ver também Notícia no jornal *O Estado de São Paulo*, 03.04.1942.

6 Diário de Felix Guisard, 1919. Arquivo Histórico de Taubaté, Pasta II dos Papeis de Felix Guisard.

7 *Martins*, José de Souza: *Conde Matarazzo. O empresário e a empresa*. São Paulo, Hucitec 1976 2ª ed. p. 45.

Alterava-se, vagarosamente, a política econômica brasileira, onde a industrialização passava a sinonimizar progresso, civilização, meio de se resgatar o tempo perdido na afirmação da nacionalidade. Felix Guisard deixa entrever sua personalidade empresarial. A oportunidade foi por ele cooptada: decidiu criar uma indústria.

Por que em Taubaté?

A lembrança da cidade, feita pelo Dr. Rodrigo Nazareth de Souza Reis foi reforçada com o aceno da disponibilidade de capitais do Banco Popular de Taubaté que dirigia. Ademais não havia outra indústria de tecidos.⁸ Capitais ressalvados das incertezas da oscilante economia cafeeira que esperavam aplicações mais seguras no momento em que a crise econômica fazia-se sentir também no Vale do Paraíba.

O problema dos capitais das indústrias foi fator explicativo das origens da industrialização em termos nacionais ou regionais. Só não foi o início. Claro que outros fatores deviam se alinhar para favorecer a decisão de Guisard: a situação e o sítio geográfico da cidade, o clima, a disponibilidade de mão de obra, a aceitação da comunidade local.⁹

O êxodo rural bem como a presença de imigrantes italianos fazia supor mão de obra disponível. Acrescentando-se a existência da rede de comunicação¹⁰, a proximidade do litoral, a possibilidade de produção de energia elétrica relativamente satisfatória.

A decisão por Taubaté dá origem a uma convergência da expectativa que implicava numa vinculação com a comunidade local. O novo meio teria exigido de Guisard um ajustamento pessoal? Certamente. Um homem sensível ao lucro, engajado historicamente no processo de construção da moderna sociedade industrial que trazia perfeitamente identificada depois de suas experiências em Pau Grande e de seus contatos europeus, principalmente ingleses, era sinônimo de mudança e novidade num meio ainda voltado para a vida rural. Elemento atenuador das diferenças de espírito e mentalidade, a sua formação religiosa, de caráter nitidamente conservador. Fervoroso católico, suas amizades, principalmente com membros do clero, devem ter sido a chave de sua aceitação local nas primeiras horas. Para tomar a decisão de vir se estabelecer em Taubaté, aconselhou-se com

8 Em São Luis do Paraitinga encontrara-se já montada uma fábrica de tecidos grossos e brancos especialmente destinados a roupas de trabalhadores rurais. Instalada no morro do Chapéu, contava com maquinário americano, era movida por uma roda d'água, mas em 1891 estava desativada. Jornal da CTI, Tauhaté, 06.01.1900.

9 Cf. *Muller*, Nice Lecocq: Taubaté, estudo de geografia urbana. In Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, 1965 (jan-março) pp. 71 e 73.

10 *Behrings*, Emilio Amadei: Conversando com a saudade. São Paulo, Ed. Bisordi, 1967 p. 42.

o então Padre José Pereira da Silva Barros.¹¹ E também auxílio nas horas difíceis como o incêndio de 1898, nas figuras do Monsenhor Antonio do Nascimento Castro e do bispo D. José Pereira da Silva Barros, seu benfeitor. Com o clero partilhou também horas festivas como as que dividiu com o Cardeal Arcoverde.

Guisard não se afasta dos modelos dos donos de fábrica da primeira industrialização inglesa ou norte-americana, que interferiram na vida dos seus operários, proibindo-os de fumar charutos ou freqüentar bailes, conforme foi registrado nos Relatórios oficiais sobre aquelas indústrias.

A gênese da indústria

A formação e a expansão da indústria preocuparam e preocupam os estudiosos que buscam um consenso explicativo da evolução do nosso Capitalismo diferenciado, marginal dependente e, sobretudo, tardio. Entre as múltiplas explicações dadas por economistas e historiadores para o desencadeamento do processo da industrialização, destacam-se aquelas que, seguindo as idéias de Celso Furtado, deram ênfase quase exclusiva ao desenvolvimento da produção de manufaturas após 1930, aparecendo os anos da Grande Depressão como marcos iniciais da indústria. Tratamentos mais recentes encerram uma revisão dessas posições em duas direções principais: de um lado ressaltou-se o crescimento industrial anterior em autores como Stein, Dean, Vilela e Suzigan.¹² Por outro lado foi questionado o papel estimulador dos períodos de dificuldades de importações. As explicações são plurais.

“Condições fatores internos e externos representados por uma certa maturidade das forças produtivas, pela situação do mercado internacional de produtos tropicais, mormente do café, e dificuldades para importar a fim de satisfazer a demanda interna combinaram-se para impulsionar o desenvolvimento industrial brasileiro. O início da industrialização brasileira foi prejudicado primeiro pelos altos preços que alcançava o café no mercado internacional, e depois pela política de valorização artificial desse produto que fazia com que os excedentes gerados pela economia cafeeira fossem aplicados em sua cultura. Uma industrialização incipiente teve começo quando a depreciação externa da moeda, realizada com o sentido de manter os lucros do setor exportador, fez que se elevassem os preços das manufaturas importadas. Como o nível interno de renda continuava a se elevar, a partir de

¹¹ *Guisard*, Oswaldo Barbosa art. cit.loc.cit.

¹² *Stein*, Stanley J.: *The brazilian cotton manufacture*. Cambridge, Massachussets, Harvard University Press, 1957; *Luz*, Nícia Vilela: *A luta pela industrialização do Brasil. 1808-1930*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961; *Dean*, W.: *A industrialização em São Paulo*. São Paulo, Edusp, 1971; *Vilela*, Aníbal e *Suzigan*,

certo momento a pressão da procura tornou vantajosa a aplicação de capitais em alguns setores industriais que exigiam pouca maquinaria e se fundavam mais sobre a exploração da mão de obra. É o caso, por exemplo, da indústria têxtil. Ofereceu-se, então, a oportunidade para que uma certa quantidade do excedente produzido pela cafeicultura fosse aplicada nessa outra atividade. (...) Essa incipiente industrialização teve também seu ponto de partida na atividade de imigrantes europeus, cujo papel dinamizador e inovador se desenvolveu repelindo a relação patrimonialista, transplantando novas atitudes técnicas e atividades e propiciando a acumulação graças à poupança”.¹³

Um elemento importante a ser analisado é a constituição de uma burguesia industrial cujas origens podem ser localizadas na imigração européia. No final do século XIX, 84% dos empresários paulistas eram estrangeiros, ou filhos ou netos de estrangeiros.¹⁴ Esses estrangeiros, donos de empresa não saíram das massas de imigrantes, segundo Warren Dean¹⁵, os imigrantes são burgueses, uma vez que quase todos haviam morado em cidades, vinham de famílias de classe média e possuíam certa experiência no comércio ou na manufatura. Muitos trouxeram algum capital.

É preciso ainda entender as formas específicas da reprodução do capital industrial, deformado pela posição dominante do capital cafeeiro na economia brasileira, e a posição subordinada da economia brasileira no seio da economia mundial, além, das contradições do surgimento do capital industrial como resultado das condições históricas em que ele aparece e se desenvolve.

Em relação ao Vale do Paraíba entre 1830 e 1880 houve uma preocupação primordial com o café e seu cultivo.

Tabela nº 1
Produção de café no Vale do Paraíba. Arrobas e porcentagem

Municípios	1854		1886		1920		1935	
	Arrobas	%	Arrobas	%	Arrobas	%	Arrobas	%
Areias	386.094	13,9	480.000	24,6	79.900	10,8	52.335	5,9
Bananal	554.600	20,0	-	-	15.847	2,2	13.650	1,6
Guaratinguetá	100.885	3,6	350.000	17,9	97.687	13,3	63.625	7,2
Jacareí	240.010	8,7	86.000	4,4	21.880	3,0	39.540	4,5
Lorena	125.000	4,5	176.667	9,0	130.961	17,8	107.040	12,2
Paraibuna	118.320	4,3	10.000	0,5	11.747	1,6	68.725	7,8

Wilson: Política do governo e crescimento da economia brasileira. 1889-1945. Rio de Janeiro, Ipea/Inpes, 1975 2ª ed.

13 *Pereira*, José Carlos: Estrutura e expansão da indústria em Sal Paulo. São Paulo, Cia. Editora Nacional/Edusp, 1967 pp.10-11.

14 *Mendonça*, Sonia: A industrialização brasileira. São Paulo, Moderna, 1995 p. 18.

15 *Dean*, Warren, op. cit. p. 59.